



## O COURO E O VAQUEIRO ENQUANTO LEGADO AFRICANO NO CARIRI CEARENSE

*Rafael Ferreira da Silva<sup>1</sup>*

*Universidade Federal do Ceará -UFC, Fortaleza, CE, Brasil.*

*Henrique Cunha Junior<sup>2</sup>*

*Universidade Federal do Ceará -UFC, Fortaleza, CE, Brasil.*

### **Resumo**

O objetivo desse artigo foi analisar as tecnologias de base africana presentes no Ceará, especialmente no Cariri. Dentre os elementos culturais de matriz africana, destacamos o couro como importante produto comercial que já era desenvolvido pela população da África e que foi transferido para o território brasileiro durante o escravismo criminoso. Utilizamos neste estudo a pesquisa da afrodescendência sistematizado por Cunha Junior (2001), a qual nos permite reconhecer uma nova história sociológica africana no Brasil. Visitamos também, alguns dos volumes da História Geral da África. Compreendemos que a história do couro enquanto legado africano é uma importante discussão nas áreas da produção do conhecimento, considerando a obrigatoriedade da Lei 10.639/03 na educação.

**Palavras-Chave:** História africana; Comércio do couro; Cariri cearense.

---

<sup>1</sup>Professor de Geografia. Mestrando pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Pesquisador na área do patrimônio cultural negro. E-mail: rafaelferreira829@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-0273>

<sup>2</sup>Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Doutor pelo Instituto Politécnico de Lorraine - Nancy – França. Pós-doutoramento em Engenharia - Universidade Técnica de Berlin. E-mail: hcunha@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9664-5545>



## LEATHER AND THE COWBOY AS NA AFRICAN LEGACY IN CARIRI CEARENSE

### **Abstract:**

The objective of this article was to analyze the African-based technologies present in Ceará, especially in Cariri. Among the cultural elements of African origin, we highlight leather as an important commercial product that was already developed by the African population and was transferred to Brazilian territory during criminal slavery. In this study, we used the research on Afro-descendance systematized by Cunha Junior (2001), which allows us to recognize a new African sociological history in Brazil. We also visited some of the volumes of the General History of Africa. We understand that the history of leather as an African legacy is an important discussion in the areas of knowledge production, considering the obligation of Law 10,639/03 in education.

**Keywords:** African history; Leather trade; Cariri Ceará.

## EL CUERO Y EL VAQUEIRO COMO LEGADO AFRICANO EM CARIRI CEARENSE

### **Resumen:**

El objetivo de este artículo fue analizar las tecnologías de base africana presentes en Ceará, especialmente en Cariri. Entre los elementos culturales de origen africano, destacamos el cuero como un importante producto comercial que ya era desarrollado por la población africana y fue trasladado al territorio brasileño durante la esclavitud criminal. En este estudio utilizamos la investigación sobre afrodescendiente sistematizada por Cunha Junior (2001), que permite reconocer una nueva historia sociológica africana en Brasil. También visitamos algunos de los volúmenes de la Historia General de África. Entendemos que la historia del cuero como legado africano es una discusión importante en las áreas de producción de conocimiento, considerando la obligatoriedad de la Ley 10.639/03 en educación.

**Palabras-clave:** Historia africana; Comercio del cuero; Cariri Ceará.



## LE CUIR ET LE COWBOY COMME HÉRITAGE AFRICAIN À CARIRI CEARENSE

### Résumé:

L'objectif de cet article était d'analyser les technologies africaines présentes au Ceará, en particulier au Cariri. Parmi les éléments culturels d'origine africaine, nous soulignons le cuir comme un produit commercial important déjà développé par la population africaine et transféré sur le territoire brésilien lors de l'esclavage criminel. Dans cette étude, nous avons utilisé la recherche sur l'afro-descendance systématisée par Cunha Junior (2001), qui permet de reconnaître une nouvelle histoire sociologique africaine au Brésil. Nous avons également visité certains volumes de l'Histoire générale de l'Afrique. Nous comprenons que l'histoire du cuir en tant qu'héritage africain constitue un débat important dans les domaines de la production de connaissances, compte tenu des obligations de la loi 10 639/03 en matière d'éducation.

**Mots-clés:** Histoire africaine ; Commerce du cuir ; Cariri Ceará.

### INTRODUÇÃO

Nas sociedades tradicionais africanas o comércio foi a base das construções das cidades e das organizações sociais, se constituindo numa base cultural de conhecimentos técnicos e tecnológicos, formando uma complexidade econômica diferente das que eram realizadas na formação europeia, como bem elucida os estudos de Janet Abu-Lughod, no livro “Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350”. Na história africana, desde a antiguidade egípcia, os produtos do gado e do couro sempre tiveram destaque (ABU-LUGHOD, 1989).

Em razão do escravismo criminoso executado por europeus contra populações africanas, cidades e povos africanos foram dizimados, e grande parte dos sistemas comerciais, políticos e econômicos foram desmontados. Walter Rodney (1975) demonstra como os sistemas europeus destruíram e subdesenvolveram as sociedades africanas, impondo um sistema de dominação que estruturou economicamente o capitalismo europeu. O sequestro de pessoas, os ataques às cidades e saques às regiões comerciais produziram o empreendimento criminoso que os europeus denominaram de colonização africana. As imposições europeias desfizeram os antigos sistemas comerciais africanos e asiáticos, e impuseram em grandes domínios os modos de vida europeus, bem como o cristianismo europeu. Nas regiões dominadas pelos europeus, os africanos tiveram que readaptar-se a um novo modo de vida.



Estratos importantes das populações foram sequestrados e transportados forçadamente para outros continentes, a exemplo das Américas, e nesse novo território se ressignificou mesmo diante da violência escravista. Apesar dos crimes cometidos pelos europeus contra as populações africanas, às quais chegaram ao Brasil na condição de escravizadas, conseguiram se reorganizar e empreender vários quilombos (Cunha Junior, 2010), construindo novos sistemas comerciais, estabelecendo relações sociais e enfrentando organizadamente os criminosos europeus. O próprio sistema escravista europeu se beneficiou da cultura e dos conhecimentos trazidos pelos africanos, no qual parte do comércio brasileiro seguiu os moldes africanos, mesmo com esses povos e seus descendentes na condição de escravizados. Portanto, o nordeste brasileiro e as regiões do cariri tiveram heranças africanas importantes na organização da pecuária, da agricultura e dos sistemas comerciais existentes.

As cidades brasileiras do passado foram edificadas na maioria por africanos e guardaram parte dos seus conhecimentos e formas de vida. O gado, a indústria do couro e a organização do comércio desses produtos guardou a forma estrutural africana apesar da dominação dos portugueses. Na região do Cariri cearense, local da pesquisa retratada neste artigo, os principais produtos de comercialização eram o gado, couro e alimentos, algo muito semelhante ao que tinha e tem no continente africano nas regiões do Quênia e do Congo.

Essa região do Cariri se localiza no extremo sul do Ceará e é marcada pela colonização africana. Tal região foi colonizada por africanos devido à existência da atuação social das populações africanas e afrodescendentes, às quais transferiram diversos conhecimentos que modificou o espaço geográfico, instalando novas formas de vidas, baseadas nas matrizes africanas. Trabalhamos a ideia de colonização africana a partir das reflexões do pan-africanista Quirino (1918), quando afirma que o fator de civilização brasileira foi o africano. Acrescentamos a essa análise o trabalho de dissertação de Oliveira (2013), denominado a “Feira Livre de Bodocó: Memória, Africanidades e Educação” que faz uma imersão sobre a participação de afrodescendentes na organização da produção local em bases semelhantes ao passado africano.

Embora alguns pesquisadores, especialmente historiadores, analisem a formação territorial do Cariri cearense numa perspectiva eurocêntrica, afirmando a inexistência de populações negras no Ceará, os trabalhos de Nunes (2010), Santos (2023) e Silva (2019),



apontam novos olhares sobre a constituição do território, revelando um conjunto de artefatos da cultura negra e a presença dessa população e dos quilombolas nesse território. A primeira autora estuda a importância dos reisados caririenses, enquanto a segunda, se aprofunda nas pesquisas sobre a formação de comunidades quilombolas, a importância desse povo para repensar o território cearense e a sociologia brasileira. Já a terceira autora, nos informa que é preciso olhar para a constituição do patrimônio arquitetônico como parte do legado cultural e social africano no Cariri cearense.

A análise da história e da presença da cultura negra no Cariri, nos coloca diante da necessidade de revisitarmos a África e associarmos o que existiu no passado antes do escravismo, ao que existe ainda na atualidade no território brasileiro, especialmente na região caririense. Para realizar esta pesquisa utilizamos a metodologia da afrodescendência, articulada pelo pan-africanista Cunha Junior (2001), que aponta a necessidade de conhecermos os territórios das populações negras para repensarmos a sociologia e a cultura dessas populações na produção espacial.

Para adentrar e reconhecer a história do legado africano no espaço geográfico, utilizamos a metodologia dos percursos urbanos que nos permite olhar o espaço, atentando para o conjunto de conhecimentos técnicos e tecnológicos que formam as africanidades brasileiras (SILVA; CUNHA JUNIOR, 2019). Percorremos alguns lugares pelo Cariri, especificamente pela cidade do Crato-Ce e percebemos que existe uma complexidade social, comercial e econômica baseado na pecuária. Estabelecemos relações com os moradores mais antigos e escutamos suas histórias que, após cruzarmos com a história africana, nos permitiu compreender que o comércio africano foi ressignificado no Cariri. Uma dessas pessoas se dispôs a contar um pouco da história de sua família e a atuação no comércio do gado na referida cidade.

Para ampliar o conhecimento das africanidades brasileiras, especialmente no Cariri, acreditamos que é preciso haver uma inserção do reconhecimento da história africana e afrodescendente na educação, sobretudo nas áreas de História, Geografia e demais áreas da produção do conhecimento. Essa reivindicação não é individual desse artigo, mas, de uma reivindicação amparada na Lei 10.639/03, que obriga o ensino de história africana e afrodescendente na educação.



## OS CONHECIMENTOS AFRICANOS E A COMERCIALIZAÇÃO DO COURO

As populações africanas sempre fizeram parte do comércio, seja marítimo e/ou no mediterrâneo, compartilhando entre sociedades uma complexidade de conhecimentos técnicos e tecnológicos. O grande comércio no litoral africano como o setor alimentício, de grãos, de vestuários, de couro e embarcação de pequenos e grande portes, dentre outros, propiciou uma relação econômica, cultural e social entre vários países fora do continente africano, em especial com as populações asiáticas (DJIBRIL, 2010).

Com o advento do escravismo europeu e intensas invasões nos litorais da África, descaracterizou-se o comércio e as sociabilidades africanas em favorecimento de um controle de rotas comerciais e acumulação de riqueza europeia. Os portugueses, ingleses e franceses, dentre outros grupos europeus, chegaram na parte oeste do continente africano, impondo os moldes do cristianismo europeu, se apropriando dos territórios, destruindo vilas e introduzindo outros produtos em detrimento das mercadorias existentes. Há estudos que apontam que os invasores europeus compravam produtos de couro e alimentos locais para realizar trocas por pessoas ou produtos de outros países africanos (YOYOTTE, 2010).

Embora existisse grande violência dos europeus contra a população litorânea africana, não significa que todo o continente estava sob o controle da Europa. Pelo contrário, existia no Magreb, situado no noroeste africano e no oásis saarianos, grupos de trabalhadores e comerciantes, que construía sistemas de ductos de águas para irrigar a produção de pastos para os animais, arroz e cana-de-açúcar. O cultivo desses alimentos e dos animais, como o gado e o bode, eram destinados tanto para o consumo quanto para a comercialização (DJIBRIL, 2010).

Os europeus, além de violentar criminosamente as populações africanas através do escravismo, ainda afirmavam para o restante do mundo que o trabalho de africanos é algo separado da racionalidade, porém, isso não pode ser considerado como verdade, pois, existe uma complexidade nos conhecimentos africanos, na organização do trabalho e no comércio que estão atravessados pela filosofia *do Ntu, Muntu e Ubuntu*, distanciando-se da compreensão dos tais criminosos (CUNHA JUNIOR, 2015).



Segundo Silva (s/d) os africanos exerciam ofícios importantes na África, como o de carpinteiros, que produziam vigas para casas, portas, canoas e pilões e os que se responsabilizavam pelo trabalho com o couro e com a palha, produzindo cestarias, esteiras, chapéus e tetos de palha. Em relação ao couro, era preciso o conhecimento para curti-lo, tingi-lo e, posteriormente fabricar selas, arreios, sandálias, bainhas e vestimentas.

A comercialização do couro era difundida entre os países africanos, o Egito, por exemplo, foi um grande consumidor de couro para vestimentas e produção de sandálias, como também, comprava produtos fabricados feitos de couro. No início do século XI no Mali e em Gana, havia uma grande comercialização de couro, derivado de cabras e bois, muitos dos comerciantes de couro se vestiam semelhantes à nobreza, com túnica e turbante. Os turbantes aparentavam ser iguais aos da população tuaregues, principalmente quando cobriam o queixo e parte do rosto, e para o restante do corpo usava-se vestimentas de couro e de pano (SILVA, s/d).

Os produtos de couro e ouro foram os que mais marcaram o comércio transaariano. Esses produtos são muito importantes para a economia do Norte, ao Sul da África, passando por países como Argélia, Líbia e Nigéria, sendo esse último, especificamente na cidade de Kano, que eram produzidas sandálias de couro (DEVISSE, 2010). No (Mapa 1) é possível observar algumas rotas comerciais do ouro, couro e nozes-de-cola. Os grandes comerciantes de nozes de cola (fruta específica da África ocidental) eram conhecidos por “Jula” ou “Wangara”, que adentravam nas áreas de savanas e florestas montados em jumentos para comercializar diversos produtos que transportavam em suas caravanas, ao mesmo tempo que buscavam o ouro e as referidas nozes (DJIBRIL, 2010).

### **Mapa 1: Rota comercial africana**

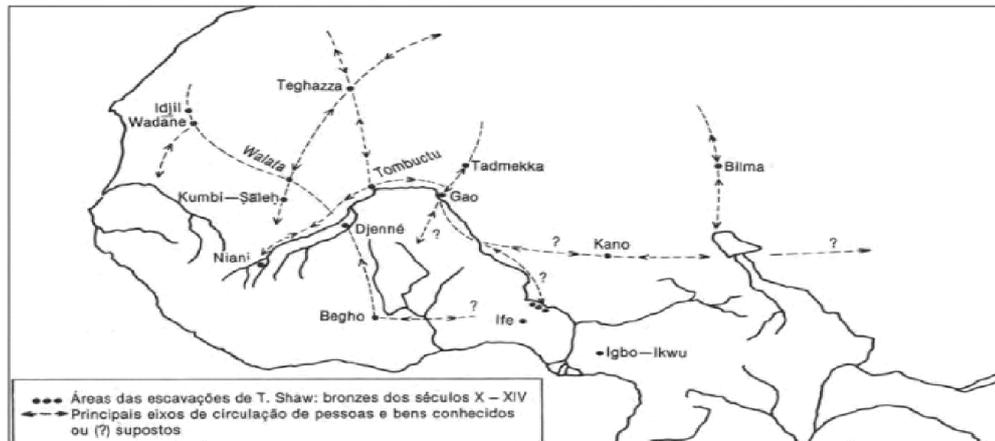


FIGURA 25.1 Mapa da circulação de homens e técnicas na África ocidental (J. Devisse.)

**Fonte:** História Geral da África, volume IV. África do século XII ao século XVI.

Além dos produtos, como a nozes-de-cola, o ouro e o couro, existia outra diversidade de produtos que também fazia parte da estrutura comercial africana, como por exemplo, a:

[...] cerâmica, a cestaria, o curtume, o trabalho da madeira e da pedra, bem como, talvez, a extração do sal, já eram milenares antes de 600. Nenhuma dentre elas permaneceu parada, antes ou depois de 600: evidentemente, uma técnica como a da fabricação das redes de caça, obviamente muito antiga, evoluiu e seria preciso estudar tal evolução no Egito, na África do Oeste e na África Central, por exemplo, de acordo com os animais caçados, as técnicas de caça e os tipos de sociedades e de alimentação. De qualquer maneira, todos os estudos antropológicos mostram que existe uma relação entre os métodos de tecelagem da rede, seu tamanho e o tamanho das malhas, seu modo de conservação e de uso, de um lado, e as estruturas socioeconômicas, de outro lado [...] (DEVISSE 2010, p. 894-5).

A África possuía uma estrutura econômica consolidada nos diversos setores antes de os europeus decidirem se aventurar nos mares e violentar as sociedades africanas com um sistema escravista. O continente africano passou por intenso processo de subdesenvolvimento em razão do escravismo, enriquecendo europeus, e criando no imaginário social das estruturas capitalistas, um atraso socioeconômico da África e das Américas (Rodney, 1975), sem considerar que, para existir capitalismo europeu, precisou no passado escravizar pessoas e saquear os territórios litorâneos de africanos.



Ainda que os europeus saqueassem territórios e sequestrassem pessoas africanas, esse fato, não restringiu o trabalho africano, em especial no que tange às técnicas com o couro, a exemplo dos trabalhos executados no Quênia, onde se reuniam trabalhadores especializados com a produção de produtos de couro, mesmo diante do funcionamento escravista do século XV.

Segundo Devisse e Labib (2010) o trabalho com o couro no Quênia era dividido entre mulheres, homens e jovens. Cada grupo assumia uma função, a primeira delas era o pastoril dos animais, em especial do gado e das cabras, depois o abatimento dos animais e, posteriormente, a retirada do couro para curti-lo para produção de vestuário e calçados. Em muitas cidades do Quênia, antes da invasão europeia, a comercialização do couro e a expansão do gado, aconteciam nos mercados locais e com sistema expansivo para outros países do continente africano. Esse sistema comercial sofreu interrupção no século XVIII e XIX porque portugueses decidiram impedir a expansão do comércio do couro e derivados do couro de cabra e de boi, forçando essa população a se reorganizar em seus territórios e fora dele.

Ainda sobre o couro no Quênia, acreditamos ser fundamental apontar o tipo de boi que predominava nesse território. Os estudos de Devisse e Vansina (2010) reforçam que o comércio de gado no Quênia era expansivo para todo continente africano, especialmente em direção a Núbia e ao Egito. A raça do boi comercializado nessa rota era o Zebu e o Sanga, os quais resistiam grandes jornadas e se adaptavam a qualquer tipo de solo e ao calor seco. A raça de boi Zebu é uma genética específica do Quênia.

As mobilidades sociais e a formação econômica das sociedades africanas não ficaram paradas no tempo em razão do escravismo criminoso, pelo contrário, durante as transferências de populações forçadamente para outros territórios, seja na condição de escravizados pelos europeus, ou forçados a irem para outros territórios no continente, sempre transferiram conhecimentos técnicos e tecnológicos que condicionou a formação de um legado. Yoyotte (2010) afirma que os africanos se organizavam socialmente tanto no território quanto fora de África, construindo novas cidades, estabelecendo-se em novas rotas comerciais, formando, novos grupos para o trabalho com a arquitetura, tecelagem, couro e as pinturas, cujos grupos sociais sempre eram divididos entre pedreiros, engenheiros, tecelão, artesão, pintores dentre outros.



O fato é que a história africana ainda não foi contada após a implementação do sistema escravista criminoso dos europeus no mundo (NASCIMENTO, 2018). Para ressignificar a história e o legado africano, em especial no Brasil, é preciso desprender-se dos marcadores históricos de violência causados pelos europeus durante os séculos de escravismo. Não se trata de esquecer, mas, rever a história africana e afrodescendente que redesenhou o espaço geográfico fora da África. Os estudos das africanidades pode ser uma das formas para resgatar o legado africano no Brasil.

### **O LEGADO AFRICANO E A CONSTITUIÇÃO DAS AFRICANIDADES NO BRASIL**

O escravismo criminoso no Brasil foi base para a consolidação do sistema capitalista-racista e que produziu uma ideologia transmitida no imaginário social de que a Europa teria sido pioneira nas grandes navegações, nos processos civilizatórios, na dominação sobre filosofias, geografias e as técnicas construtivas. Todavia, ao conhecermos a história da sociedade africana percebemos que há grandes equívocos nas narrativas eurocêntricas divulgadas na história do Brasil. Cunha Junior (2010, 2019) demonstra que os africanos já dominavam os mares, as técnicas e tecnologias de construção, o comércio marítimo e a escrita, antes dos europeus. Esse legado africano foi transferido para os lugares das Américas e do Brasil durante a diáspora forçada, constituindo um conjunto de africanidades.

As africanidades estão simbolizadas no espaço geográfico e podem ser percebidas, especificamente no urbanismo, na religiosidade, na agricultura e na pecuária. Os africanos e afrodescendentes, no contexto brasileiro, remontam suas unidades culturais e dão novos sentidos ancestrais marcando o território com um novo legado ancestral (CUNHA JUNIOR, 2013).

Os processos civilizatórios africanos fazem parte da formação do território brasileiro e precisam ser desvelados, repensando a sociologia, a cultura, a religiosidade, as técnicas e tecnologias, o urbanismo, a base econômica e as sociabilidades afrodescendentes dos lugares (CUNHA JUNIOR, 2010, 2017). É preciso, ainda, refletirmos aspectos do pensamento africano no campo filosófico, geográfico e matemático que influenciam a constituição do espaço geográfico e suplanta as bases limitantes do eurocentrismo.

A grande maioria de africanos que chegavam ao Brasil eram pertencentes à cultura Bantu. Essas populações transplantaram consigo a especialização de técnicas para o cultivo da cana-de-açúcar, que foi base para o fortalecimento da economia europeia. É importante ressaltar que o escravismo implementado pelos europeus começou antes do século XV, quando populações africanas eram transferidas forçadamente para portos da Europa, e para algumas ilhas africanas dominadas pelos europeus, como a de São Tomé e Príncipe (MILLER, 2019).

A chegada de populações africanas no Brasil permitiu uma colonização de fato, por serem difundidas técnicas de agricultura, pecuária, mineração e construtivas que viabilizou a transformação do espaço (QUIRINO, 1918). Dentre os processos civilizatórios africanos no Brasil destacamos a cultura do couro, lançando o olhar para o Estado do Ceará, em especial para região do Cariri cearense, marcada pela presença africana e afrodescendente. Cunha Junior (2011) aponta a cultura do couro como marco para economia cearense, considerando a especialidade do trabalho africano e afrodescendente.

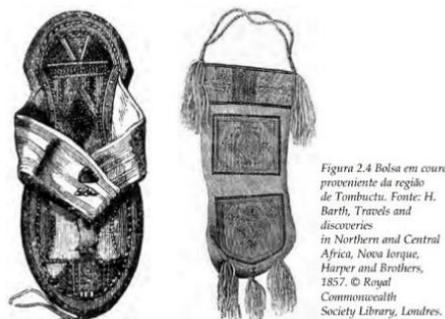
A cultura do couro introduzida no Brasil, em especial, na região do Cariri cearense é reelaborada com base nos conhecimentos ancestrais africanos. O trabalho com o couro nessa região é expressivo na produção das sandálias de couro, chapéu e o gibão. Em relação à sandália de couro, podemos observar na (Figura 1) uma complexidade do trabalho.

**Figura 1:** Sandália de couro com correias



*Fonte:* <http://www.urca.br/mpe>.

**Figura 2:** Sandália de couro com tecnologias africanas



*Figura 2.4 Bolsa em couro proveniente da região de Tombuctu. Fonte: H. Barth, Travels and discoveries in Northern and Central Africa, Nicolaus, Harper and Brothers, 1857. © Royal Commonwealth Society Library, Londres.*

*Fonte:* NOVArevisa\_CEAP.



Observem que, existe um cuidado quanto às simetrias dos cortes, a costura e o encaixe das peças para ganhar uma imponência estética e as deixem confortáveis para o uso. Essa sandália da (Figura 1), diferente das que possuem correias, como pode ser observado na (Figura 2), tem em sua estética o bico fechado, e os pontos de costuras estão em maiores quantidades, considerando os desenhos que são semelhantes aos símbolos *adinkras*. Para realizar cada corte e aparelhamento das peças, bem como a costura, exige do mestre do couro ferramentas específicas para cada etapa do trabalho. É preciso uma ferramenta de gume altamente cortante, uma para perfurar os pontos da costura e outra para marcar os desenhos. Ao visitarmos uma oficina de couro em uma cidade do Cariri, a saber, Crato, tivemos a oportunidade de conhecer essas etapas do trabalho.

Para entendermos melhor sobre a complexidade do trabalho com o couro e a comercialização de produtos derivados dessa matéria, acreditamos que algumas indagações sejam importantes, como: os mestres e as oficinas de couro no Cariri surgem para atender as demandas de quem? Existem pessoas especializadas na região para esse trabalho? Quem são? Quais as especializações nesse ofício?

As indagações nos levam a criar problemáticas pertinentes sobre a presença negra no Cariri, considerando a ideia de que essa região foi colonizada por africanos e afrodescendentes, remodelando a sociologia do território, bem como, a especialização do trabalho. No tópico seguinte, discutiremos a presença negra no Cariri e as influências civilizatórias do couro, com enfoque para a socialização do vaqueiro, as vestes, o pastoril do gado, os quais são destinados ao comércio, o abate e a retirada do couro.

### **A CIVILIZAÇÃO DO COURO E A IMPORTÂNCIA DO VAQUEIRO NO CARIRI CEARENSE**

O vaqueiro tinha grande importância para economia do Ceará. Eram responsáveis pela organização do gado e assumiam funções imprescindíveis na dinâmica das fazendas, como a escolha dos tipos de gados que serviam para o consumo e procriação e/ou os que suportavam o peso dos produtos para transporte em longas viagens pelos territórios cearenses, entre as divisas de outros estados brasileiros (ALEGRE, 1990).

No século XVIII, a pecuária predominava no Ceará durante as repartições de terras para instalações de fazendas e a criação de gados em currais, gerando um número



maior de empregos remunerados para população livre do escravismo na função de vaqueiro. Os principais eixos da pecuária e comercialização de gado vivo, carne e couro de gado, acontecia em torno da bacia do “rio Jaguaribe, no sentido norte-sul, expandindo-se pelos sertões do Quixeramobim, vale do Cariri, região sul de Fortaleza, chegando ao extremo norte, pelos rios Acaraú e Coreaú, e ao oeste, nos sertões do Crateús” (ALEGRE, 1990 p. 3).

Amora (1978 apud Brito, 2018) afirma que no Cariri havia uma rota do couro que mantinha relação com o comércio do couro no curso do rio Jaguaribe, favorecendo também, o comércio do couro nos estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba. Havia nessas rotas pequenas oficinas de couro que exportavam produtos fabricados para o restante do Ceará, e para os estados supracitados. Essa rota comercial fortaleceu a produção de arreios, cintos, bainhas, chicotes e outros utensílios comuns ao uso do vaqueiro.

Os vaqueiros, além de possuírem domínio sobre os animais, se vestiam como *nobrezas*, sempre cobertos de couro para se protegerem dos galhos enquanto tangia os animais para os currais e para enfrentar longas jornadas, guiando o gado para outras fazendas e/ou para comercialização e abate. As vestes do vaqueiro e do cavalo, ou mula que montavam, simbolizam uma imponência social e cultural, e impõem poder ao território. Essas vestes são gibões, caneleira, chapéu, bolsas, arreios, selas, chicotes, botas, estribo, proteção frontal, dentre outros utensílios confeccionados com couro e ferro.

É importante frisar que os conhecimentos do vaqueiro, dos mestres do couro, dos ferreiros, dentre outros ofícios, é parte do legado africano no Cariri, que foi desenhado durante a colonização africana no lugar. O conceito de colonização passa pelas ideias do teórico pan-africanista Manuel Quirino (1918), quando evidencia que o fator da civilização brasileira foram os africanos, os quais transferiram consigo os conhecimentos necessários para transformar uma sociedade, superando o espírito atormentador da ganância e da fúria dos europeus.

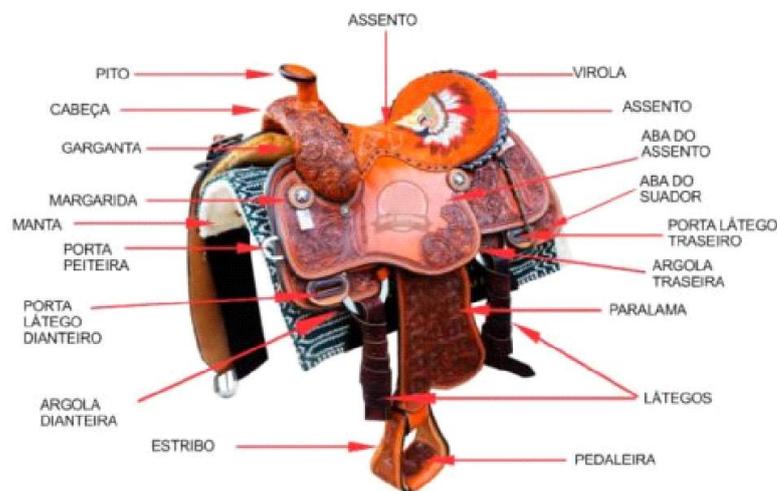
Em relação às vestes do vaqueiro e a sela que eram utilizadas no animal, não poderia ser fabricada por qualquer pessoa. O vaqueiro buscava pelas melhores oficinas que fabricavam suas vestes e os melhores seleiros que dominavam as técnicas sofisticadas, tendo em vista a anatomia e a estética dos desenhos da costura. Há vários tipos de selas, mas, todas devem ser confortáveis para o animal e para quem for sentar-se



para então, enfrentar as longas viagens. A anatomia da sela é composta pelo assento central, virola, assento traseiro, pito, cabeça, garganta, margarida, manta, porta-peiteira, porta-látego dianteiro, argola dianteira, estribo, aba do assento, aba do suador, para-lama, pedaleira e porta-látego traseiro. Percebam que existe uma complexidade nos detalhes de uma sela e quase todas são feitas de couro, com costuras que formam desenhos simétricos, como pode ser observado na (Figura 3).

**Figura 3:** Sela

### ANATOMIA DAS SELAS



**Fonte:** <https://teamroping.com.br/anatomia-das-selas>

As anatomias das selas não se aplicam igualmente para todos os lugares do Brasil. As técnicas e os materiais utilizados para produzir as selas no Sul são diferentes das que se produzem no Ceará, no Pernambuco e no Piauí. No Cariri cearense, as oficinas de couro têm a presença do mestre do couro, já no Sul do Brasil, em específico no Rio Grande do Sul, esses profissionais são conhecidos como *guasqueiros*. Mas ambos não perdem a raiz ancestral africana, já que dominam técnicas de couro para produção de vários produtos que se assemelham entre os lugares citados, como a sela. Esses domínios tecnológicos fazem parte do legado africano que marca os lugares e formam as africanidades brasileiras.

Na região do Cariri cearense ainda possui muitas oficinas de couro e inúmeros vaqueiros com a função de pastoreio do gado em algumas fazendas locais, como na fazenda Lagoa Encantada, situada no Crato-Ce. Os vaqueiros caririenses, em tempos de



escravismo criminoso, transportavam rebanhos de gados para outros estados, como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Segundo estudos de Figueiredo Filho (2010), esses três estados foram importantes para a formação e comercialização da pecuária caririense, devido ao grande fluxo contínuo de pessoas, transportando mercadorias, em especial animais, a exemplo do gado e do bode, para comercialização nos mercados.

Estudos de Cortez; Cortez e IRFFI (2011, p. 8) afirmam que o gado foi essencial para a economia do Cariri. O pasto dessa região era propício para adaptação do animal. Nos municípios de Jardim e Milagres, ambos situados no Ceará, a atividade agropastoril ganha destaque pelas enormes extensões de pastos para criação. Em Milagres, no ano de “1853 foram contadas 150 fazendas de criar, com currais de gado vacum e cavalari.”

Tivemos a oportunidade de conhecer um morador bastante antigo da cidade do Crato, que por meio de uma conversa informal, nos relatou que nos mercados antigos existia uma grande comercialização de carne de gado. Seu pai era açougueiro e trabalhava no matadouro e na salgadeira, enquanto o seu tio era responsável pela comercialização do gado que vinha do Pernambuco, Rio Grande do Norte e da Paraíba. O gado introduzido na região do Cariri, além do vacum, cavalari, o boi Zebu, predominava nesse território.

No Ceará foi produzido por alguns institutos de pesquisas agropecuárias um relatório sobre as raças de bois nas fazendas, sendo destaque as raças de Bisart, que rendeu misturas com os bois da raça Zebu e Caracu. Esse gado é resistente e de excelente qualidade para o comércio e produção de carne, em razão da facilidade de adaptação ao solo. Alguns fazendeiros, nos anos de 1909, tentaram introduzir em Quixeramobim, no sertão central, um tipo de gado holandês, entretanto, a adaptação desse gado ao solo não foi viável, devido às rigorosas ondas de calor (CASTRO,1972).

Sobre a conversa que tivemos com o morador do município do Crato, ele ainda nos conta que, no período da década de 1930 a 1985, muitos vaqueiros transportavam gados de diversos locais do Nordeste, como Pernambuco e Piauí. O gado era destinado para comercialização local, sendo uma parte para tal finalidade e outra, para os matadouros e, normalmente, acontecia na exposição agropecuária que ocorria e, ainda, ocorre anualmente no município cratense. O morador supracitado relata com insatisfação ao fazer menção à diferença entre exposição agropecuária ao que hoje é conhecido por Expocrato. Na visão dele, antes existia um compromisso com o comércio da pecuária,



além dos produtos que vinham da zona rural da localidade, como a cana-de-açúcar, mel, farinha, bejú, dentre outros.

O matadouro, ao qual o morador se refere, foi substituído por uma creche e, depois, se tornou uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Esse local está dividido entre três bairros do Crato: Zacarias Gonçalves e Seminário (bairros negros) e Novo Lameiro (bairro elitizado branconcêntrico). Os dois primeiros bairros constituem em sua forma urbana e social, uma complexidade dos conhecimentos africanos, presentes nas ruas, nas casas, na organização comercial e nos elementos religiosos de matriz africana.

O morador continua a contar que seu pai trabalhava no matadouro que, antes, era território do bairro Seminário, enquanto o seu tio cuidava da parte da comercialização de gado, os ossos e a carne, uma função de intermediador entre vendedores e comerciantes de outras localidades. Logo acima do matadouro, onde hoje é a indústria de calçados (Grendene), existia um grande galpão dividido entre paredes para abrigar os ossos. O couro era exportado para salgadeiras do município de Assaré. Esse município fica a aproximadamente 78 km da cidade de Crato. Enquanto os ossos e parte das carnes eram enviados para o Rio Grande do Norte e Paraíba.

O comércio de carne entre o Ceará e o Rio Grande do Norte acontecia desde 1720, cujo período foi marcado pelas charqueadas que substituíam o gado vivo pelas carnes salgadas, conhecido pelos “ciclos das oficinas”. Esse comércio também seguia rumo ao Piauí, no sentido inverso, “graças à abundância de salinas naturais, e introduziram uma atividade produtiva diversificada, que resultou na separação especial e na divisão do trabalho entre fazendas de criação, oficinas de salga e pontos de comercialização” (ALEGRE. 1990, p. 6).

É possível perceber que essa dinâmica comercial de produtos, sobretudo de gado vivo, carnes e couro, se deve ao processo de organização social e a divisão do trabalho, que, em sua maioria, era executado por pessoas negras. Durante os percursos urbanos que realizamos no território caririense e das conversas com moradores locais antigos, observamos marcas sociais e culturais africanas que nos possibilitaram o reconhecimento das africanidades.

A discussão que realizamos nos tópicos anteriores, associando à história africana, nos permitiu entender como é fundamental voltar ao passado e compreender a historicidade do nosso lugar. Por que a educação não poderia fazer o mesmo? Existem



várias formas de se trabalhar história africana, e essa está no cotidiano das pessoas. A partir da história do vaqueiro descobrimos várias outras, como a importância do comércio e do gado. Será que a partir da história de uma rua, de uma casa, de um quilombo, de uma oficina de carpintaria, dentre outras, poderíamos saber sobre história africana? A resposta é sim, pois enfatizamos que a história africana marca o território brasileiro.

### **QUAL O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO RECONHECIMENTO DAS AFRICANIDADES LOCAIS?**

A história africana está marcada em todos os territórios do Brasil e para vislumbrar os elementos culturais das populações africanas e afrodescendente é preciso lançar um novo olhar que supere as lentes limitantes do eurocentrismo. Esse enfrentamento com o eurocentrismo é também responsabilidade da educação. O primeiro contato que crianças, jovens e adultos terão com o conhecimento sistematizado sobre história do Brasil é na escola. Se a história não for ensinada de forma crítica, essas pessoas não saberão dissociar quem são os responsáveis pelos inúmeros crimes cometidos pelos europeus contra a população africana.

É responsabilidade da escola ensinar para os alunos em qualquer área da produção do conhecimento sobre os reais produtores do espaço geográfico brasileiro. Quando se discute sobre História em sala de aula, é indispensável mencionar o relevante papel de africanos na economia, na cultura, na formação sociológica e na religiosidade. Ou, quando na disciplina de Geografia for falar de território, lugar, região, espaço e economia, destacar a formação dos quilombos, as funções dos africanos no setor da agropecuária, na carpintaria, na organização comercial, nas construções arquitetônicas, etc.

Ao estudar Biologia, a botânica africana também é essencial, enquanto na Matemática pode ser estudada as simetrias das construções; e nas oficinas de couro, aprender sobre desenhos geométricos. Nas aulas de Sociologia, o professor pode apontar como se deu a formação sociológica brasileira, com enfoque nas populações africanas durante o período diaspórico. Na disciplina de Filosofia têm-se as filosofias africanas, a exemplo do *Ntu*, *Muntu* e *Umbutu*. Nas aulas de Religião podem discutir sobre religiões de matrizes africanas, como o candomblé, umbanda e as irmandades negras do rosário. Em cada disciplina estudada é possível associar a história das populações negras, mas



para que esses conhecimentos estejam na escola é preciso que as universidades brasileiras formem pessoas comprometidas com o reconhecimento da história africana e afrodescendente.

## CONCLUSÃO

A história africana e a afrodescendente no Brasil, precisam ser recontadas para podermos compreender a complexidade técnica e tecnológica de matriz africana, a qual modificou a sociologia, a cultura e a economia do espaço geográfico, sobretudo brasileiro, no período do transatlântico e colonização africana nos territórios. Pautado numa discussão de reavaliação da história da cultura africana inserida no Brasil, esse texto apresentou algumas linhas de estudos sobre o comércio do couro e a atuação social do vaqueiro enquanto legado africano. Tal legado foi ressignificado ao longo dos séculos devido ao escravismo criminoso sem perder as bases de matriz africana.

Tivemos em vista entender a história local e associarmos ao modo de vida africana, concluímos que o Brasil, especialmente o Cariri cearense, é marcado por conhecimentos africanos, os quais projetaram as africanidades. O Cariri é um território colonizado pelas populações negras, podendo ser vislumbrado nas formas sociais das cidades, na formação dos quilombos, no comércio e demais marcas que desenharam o sentimento ancestral africano.

Compreendemos que a população africana e afrodescendente é protagonista de uma história local, e que essa discussão necessita estar na educação, enquanto dispositivo de reconhecimento da história do passado e de como essa história está reprojeta no futuro. Cabe, então, as várias áreas da produção do conhecimento, refletir a dimensão da produção do espaço geográfico, inserindo na sistematização do conhecimento a importância das populações africanas e seus descendentes. Assim como encontramos marcas das africanidades no Cariri, é possível também encontrar essas marcas na totalidade do espaço geográfico brasileiro.



## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, de Janet. *Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*. USA: Oxford University Press, 1989.

ALEGRE, M. Sylvia Porto. Vaqueiros, Agricultores, Artesãos. Origens do Trabalho Livre no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*. v. 20/21, p. 01-29, 1990

BRITO, Adriana de Sá Leite de. *A produção artesanal de artigos em couro: aspectos sociais e econômicos na perspectiva do desenvolvimento regional sustentável na Região do Cariri cearense*. 131f. 2018. (Mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

CASTRO, José Luiz de. A pecuária no Ceará. *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*. p. 132-142, Maio. 1972.

CORTEZ, Ana Isabel R. P.; CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. Atividades Econômicas e trabalho escravo no sul do Ceará: uma análise da segunda metade do século XIX. In: *Encontro de Economia do Ceará*, 7. Fortaleza, 2011. *Anais [...]*. Ipece: Fortaleza, 2011. Disponível em: [https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2013/05/ATIVIDADES\\_ECONOMICAS\\_TRABALHO\\_ES CRAVO\\_SECULO\\_XIX\\_IPECE\\_2011.pdf](https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2013/05/ATIVIDADES_ECONOMICAS_TRABALHO_ES CRAVO_SECULO_XIX_IPECE_2011.pdf). Acesso em: 19 fev. 2024.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidade, afrodescendência e educação. *Educação em debate*, Fortaleza, v.2, n. 42, p. 1-11, 2001.

CUNHA JUNIOR, Henrique. NTU: introdução ao pensamento filosófico bantu. *Educação em Debate*. v. 1, n. 59, 2010.

CUNHA JUNIOR, Henrique. *Tecnologia africana na formação brasileira*. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 14, n.166, p.104-111, março, 2015.

CUNHA JUNIOR. Henrique. Bairros negros: epistemologia dos currículos e prática pedagógica. In: Congresso Luso-Afro Brasileiro de Questões Curriculares, Educação, Formação e Crioulidade., 2017, Cidade de Praia, Cabo Verde. Anais eletrônicos...,3UniCV,2017.Disponível em:<<https://proceedings.science/coloquio/trabalhos/bairros-negros-epistemologia-dos-curriculos-e-praticas-pedagogica?lang=pt-br>> Acesso em: 01fev.2024.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, v. 11, 2019.



CUNHA JUNIOR, Henrique. Afrodescendência e Africanidades: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. *Interfaces de Saberes* (FAFICA. Online), v. 1, p. 14-24, 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Cultura afrocearense. In: Artefatos da cultura negra no Ceará. CUNHA JUNIOR et al. (Orgs.). Fortaleza: *Edições UFC*, p. 102-132. 2011.

DEVISSE, Jean. Comércio e rotas do tráfico na África Ocidental. In: História geral da África, IV. África do século XII ao XVI. 2. ed. rev. Brasília: *UNESCO*, 2010. p. 432-507.  
DEVISSE, Jean. LABIB, Shuhi. A África nas relações intercontinentais.. In: História geral da África, IV. África do século XII ao XVI. 2. ed. rev. Brasília: *UNESCO*, 2010. p. 723-766.

DEVISSE, Jean. VANSINA, Jan. A África do século VII ao XI: cinco séculos formadores. In: História geral da África, IV: África do século XII ao XVI. 2. ed. rev. Brasília: *UNESCO*, 2010, p. 432-507.

DJIBRIL, Tamsir Niane. O Mali e a segunda expansão manden. África do século XII ao XVI. In: História geral da África, IV: África do século XII ao XVI. 2. ed. rev. Brasília: *UNESCO*, 2010. p. 133-192.

FIGUEIREDO FILHO, José de. Engenho de Rapadura do Cariri. Fortaleza: Edições UFC, 2010. (*Coedição Secult. Edições URCA*).

MILLER, Joseph C. África Central durante a era do comércio de escravizados de 1490 a 1850. In: HEYWOOD, Linda M. (org.). Tradução VAMPEAN FREGONEZ, Ingrid de Castro; CASSON, Thais Cristina; BENEDITO, Vera Lúcia. *Diáspora negra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: *Contexto*, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual. Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: *Editora Filhos da África*, 2018.

NUNES, Cicera. *Os Congos de Milagres e africanidades na educação do Cariri cearense*. 148f. 2010. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra de. *Feira Livre de Bodocó: Memórias, Africanidades e Educação*. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2013.

QUERINO, Manuel. O colono preto como fator da civilização brasileira. Bahia: *Imprensa Oficial do Estado*, 1918.

RODNEY, Walter. *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. Lisboa, Editora Seara Nova, 1975.



SANTOS, Ana Paula dos. *Educação escolar Quilombola na Lagoa dos Crioulos no Cariri cearense: uma perspectiva curricular de afroquilombamento*. 226f. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SILVA, Alberto da Costa e. *A Enxada e a Lança*. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/81x11vn>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SILVA, Meryelle Macedo da. *Patrimônio Arquitetônico Afrocratense: implicações educativas*. 2019. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Regional do Cariri-URCA. Crato, 2019.

SILVA, Meryelle Macedo da; CUNHA JUNIOR, Henrique. Percursos urbanos como forma de pesquisar o patrimônio afrocratense. *GeoTextos*, vol. 15, n. 2, dez., p. 199 - 215, 2019.

YOYOTTE, Jean. O Egito faraônico: sociedade, economia e cultura. In: *História geral da África, II: África do século XII ao XVI*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 133-192.

*Recebido em: 21.04.2024*

*Aprovado em: 27.05.2024*